

QUESTÕES GERADAS EM TORNO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM

2. IMPACTO ECONÓMICO

Um projecto com as dimensões de uma barragem provoca mudanças significativas em várias vertentes do ambiente económico. Estas mudanças podem ser encaradas como consequência de duas fases distintas: o período de construção e o período de funcionamento.

Durante a fase inicial, o projecto requer um elevado número de mão-de-obra indiferenciada e também qualificada, conduzindo à criação de empregos, que por sua vez, se fixam em zonas adjacentes à barragem, estimulando, temporariamente, a economia da região devido à solicitação de uma série de serviços (alojamento, restauração, entre outros). Por outro lado, os impactos podem ainda prender-se com a criação de vias de comunicação, serviços sociais e outras infra-estruturas necessárias, providenciando acesso a áreas anteriormente inacessíveis e permitindo assim, ligação das economias locais ao mercado nacional.

Durante o período de funcionamento, a disponibilidade de água potável e energia eléctrica em áreas anteriormente carentes é também uma alteração de grande destaque, uma vez que se tratam das necessidades básicas do ser humano, possibilitando uma elevada melhoria na qualidade de vida da população servida.

Outra finalidade da construção de uma barragem tem a ver com a introdução de novos serviços como a pesca desportiva e comercial, o turismo e a navegação.

Do mesmo modo, a irrigação de solos é fonte de grande potencial agrícola, podendo levar ao crescimento dos valores das colheitas e, conseqüentemente, melhorar a nutrição das populações locais, ao mesmo tempo, que proporciona postos de emprego, rejuvenescer o sector agrícola e permite a produção de alimento para os habitantes da região ou a nível nacional.

6.1 A economia em torno do regadio

Em Portugal uma percentagem muito significativa (superior a 90%) das necessidades de falta de água, está ligada à actividade agrícola e, por sua vez, a bacia do Guadiana tem a agricultura como actividade económica principal.

Assim, este tornou-se num dos temas centrais dos discursos sobre Alqueva pelas amplas alterações que este empreendimento iria provocar, na procura de dar resposta aos vários problemas estruturais que faziam parte desta região, uma das zonas mais desfavorecidas de Portugal e da União Europeia.

O Alentejo rural era um território marcado pelo contínuo abandono de campos, pela degradação da importância social e económica da agricultura, pelas suas formas tradicionais de produção e pela necessidade recorrente de falta de água.

Contudo, o regadio de Alqueva representa hoje um contributo fundamental para a promoção do desenvolvimento da região do Alentejo, em particular e, pela sua dimensão, a nível nacional, satisfazendo um conjunto de necessidades desde sempre identificadas.

Com base num estudo realizado em 2007 a zona de intervenção de Alqueva possui uma área aproximada de 900 mil hectares, envolvendo 19 concelhos e 97 freguesias, das quais 56 são abrangidas pelo regadio. Por sua vez, a área do regadio projectada totaliza 110 mil hectares que, juntamente com os perímetros de rega existentes atingirá 133 mil hectares, ou seja, 15% da área de intervenção. Nesta, existem ainda 8 700 explorações das quais cerca de 3 000 (35%) serão abrangidas pelo regadio. (Decreto-lei nº42/2007, de 22 de Fevereiro)

Por sua vez, com o regadio proporcionado pelo Alqueva, surgiram culturas que eram impensáveis no Alentejo devido às suas condições climáticas, caracterizadas por Verões muito quentes, amplitudes térmicas anuais muito fortes e com precipitação irregular, constituindo anos consecutivos de seca. Assim, a disponibilidade de água permitiu que antigos e novos agricultores apostassem em novas plantações, criando novas formas de investimento e novos postos de trabalho.

"A paisagem do Alentejo está a mudar. O regadio ganha terreno ao sequeiro e, com a água do Alqueva, chegam as novidades.

Os grandes investimentos no Alqueva têm feito notícia, a começar pela chegada da MacFarland Smith, empresa farmacêutica que planta papoilas para delas retirar morfina para fins terapêuticos, e vai ali deixar 25 milhões de euros nos próximos anos. Mas há muito que a região está a mexer. Jovens agricultores apostam na terra e estão a diversificar as culturas daquela região.

*Há quem junte aos tradicionais cereais, olivais e vinhas outras culturas, as já mencionadas papoilas, mas também o melão, o tomate, a cebola e outras frutas, como a romã. (...) A disponibilidade de água do Alqueva permite-lhes apostar noutros frutos que não apenas os secos. Numa altura em que ressurge no mercado português o interesse pelo fruto, estes agricultores são os primeiros a fazer este tipo de plantação no Alentejo. Mas há mais histórias de jovens agricultores que demonstram o dinamismo daquela região."*²⁹ (Expresso)

²⁹Expresso . Alqueva atrai novas culturas e agricultores . 9 de Junho de 2013